

Chissano e Howe trocam pontos de vista

N. 25/7/85

por Alves Gomes, em Londres

O Ministro dos Negócios Estrangeiros do nosso País, Joaquim Chissano, foi ontem o convidado de honra de um jantar, oferecido pelo seu homólogo britânico, «Sir» Geoffrey Howe, com quem trocou pontos de vista sobre a cooperação entre Moçambique e a Grã-Bretanha, e discutiu a situação na África Austral e a política internacional, em geral.

De acordo com uma fonte moçambicana, «a atmosfera é muito boa», citando que a visita do Ministro Joaquim Chissano está a ser acompanhada com grande interesse.

Um dos aspectos discutidos durante esta visita, foi a cooperação militar, tendo a delegação do Ministro Chissano considerado o anúncio Inglês de apoiar militarmente Moçambique com 18 milhões de dólares, «um exemplo a ser seguido por outras potências ocidentais».

Do lado inglês, foi demonstrada preocupação sobre se «a África do Sul está ou não a cumprir com o Acordo de Nkomati».

Fontes britânicas confirmaram-nos que a Grã-Bretanha tem feito inúmeros contactos diplomáticos para neutralizar os apoios que em certos países europeus ainda são concedidos aos bandidos armados, bem como colocado pressões sobre o Governo de Pretória, por forma a tomar uma atitude mais séria relativamente ao cumprimento do Acordo de Nkomati.

Ontem, o Ministro Joaquim Chissano, falando numa Conferência sobre a África Austral, definiu quatro pontos como os essenciais para que houvesse uma solução para a instabi-

bilidade que ainda se vive na África Austral.

De acordo com as palavras do Ministro Chissano, em primeiro lugar, «deve-se reforçar a capacidade defensiva de Moçambique e de Angola», com a participação da Comunidade Internacional «sob a forma de investimento e empréstimos que nos permitam fazer rápidos progressos no nosso desenvolvimento económico, social e cultural».

Como segunda questão, o Ministro Chissano disse que os bandidos armados devem ser combatidos em todos os centros de preparação fora de Moçambique acrescentando que qualquer hesitação nesta luta «constitui um acto de encorajamento ao banditismo armado e aos arquitectos do «apartheid».

Em terceiro lugar, Joaquim Chissano disse que era necessário redobram-se esforços para se acabar com o «apartheid», afirmando também que uma solução na África do Sul, passava pelo apoio ao ANC e à UDF, bem assim como pela aplicação da Resolução 435 das Nações Unidas na Namíbia.

Como quarta questão, o Ministro Chissano disse ser necessário que a

Comunidade Internacional leve a África do Sul a tomar uma atitude mais séria nas suas relações com os países da África Austral.

Falando perante directores e investigadores de centros de estudos africanos e estratégicos, diplomatas, membros do Governo inglês, presidentes e representantes das principais companhias estabelecidas neste país, bem como de jornalistas, Joaquim Chissano considerou ter sido positiva a assinatura do Acordo de Nkomati.

No entanto, o responsável pelas relações exteriores de Moçambique não deixou de descrever os bandidos armados como «extensão das forças de defesa e segurança da África do Sul», afirmando também que «é hoje claro e bem sabido, em todo o mundo, que a África do Sul não respeitou a responsabilidade assumida em Nkomati, criando meios para que as actividades dos bandidos armados pudessem continuar».

O Acordo de Nkomati, foi descrito como «instrumento a ser usado pela Comunidade Internacional, para lutas contra a desestabilização da RAS na África Austral».

Para além de referir que Moçambique continuava a fazer esforços através da Comissão de Segurança, no sentido de o acordo ser cumprido integralmente, Joaquim Chissano denunciou e criticou o facto de o compromisso de Lusaka já ter sido violado pela África do Sul «sob a forma e conteúdo das agressões directas do passado».